

Galípolo diz que IOF não deveria ser usado para arrecadar

Para presidente do BC, medida pode soar como controle de capital

Definido como regulatório pela Constituição, o **Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) não deve ser usado com o objetivo de elevar a arrecadação nem para substituir aumento de juros, disse nesta segunda-feira (2) o presidente do Banco Central (BC), Gabriel Galípolo.**

Em evento em São Paulo, **ele manifestou receio de que a recente elevação do imposto seja interpretada pelos investidores internacionais como controle de capital.**

*“Eu sempre tive essa visão de que não deveria utilizar o IOF nem para questões arrecadatórias, nem para fazer algum tipo de apoio para a política monetária. É um imposto regulatório, como está bem definido”, disse Galípolo durante debate promovido pelo Centro de Debate de Políticas Públicas (CDPP).*

Em relação ao aumento do imposto sobre o crédito para empresas, **o presidente do BC**

Galípolo diz que IOF não deveria ser usado para arrecadar

**disse que o ideal seria o tributo não afetar a escolha de onde o empresário vai pegar dinheiro emprestado.**

*“Não é desejável que você tenha uma escolha de uma linha ou de um produto específico em função de uma arbitragem tributária”, acrescentou.*

Além de prometer reforçar a arrecadação do governo em R\$ 19,1 bilhões até o fim do ano, considerando os dois pontos revogados no dia seguinte ao anúncio do aumento, a elevação do IOF, segundo analistas, equivale a um aumento de 0,5 ponto percentual na Taxa Selic, ao encarecer o crédito para as empresas.

Em relação ao impacto da medida sobre a economia, **Galípolo disse que o BC será cuidadoso ao incorporar o aumento do IOF às projeções**, até porque o governo e o Congresso constroem propostas alternativas. Segundo ele, somente após o formato final da proposta, a autoridade monetária analisará os efeitos sobre a inflação e o Produto Interno Bruto (PIB, soma dos bens e serviços produzidos).

Galípolo diz que IOF não deveria ser usado para arrecadar

*“A gente tende a consumir com mais parcimônia, aguardar o desenho final para entender de que maneira e quanto deve ser incorporado nas nossas projeções”, concluiu o presidente do BC.*

Wellton Máximo - Repórter da Agência Brasil

Publicado em 02/06/2025 - 21:47

Brasília